

**CRENÇAS DE UMA PROFESSORA E ALUNOS DE 9º ANO SOBRE O
PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA:
CONVERGÊNCIAS/DIVERGÊNCIAS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO
DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Jéssica Teixeira de Mendonça
Universidade Federal de Uberlândia
jessicaufu@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é tecer considerações e reflexões a respeito das crenças de uma professora e dez alunos sobre o ensino e aprendizagem de inglês na escola pública. Para isso, primeiro discorro sobre o Paradigma da Complexidade, identificando a sala de aula como um sistema adaptativo complexo. Em seguida, discuto brevemente alguns conceitos sobre crenças a partir de alguns estudiosos da área. Para a discussão dos dados utilizei como instrumento de coleta questionários fechados. Concluo com as minhas considerações sobre como as crenças dos alunos facilitam ou inibem o processo de aprender e quais crenças se mostraram em comum tanto nos alunos quanto na professora.

225

1. Introdução

Muitos são os elementos que influenciam o processo de ensino e aprendizagem de uma língua e o ambiente de sala de aula. Os estudos a respeito de crenças vêm mostrando cada vez mais como esse elemento – crença – influencia e altera este ensinar e aprender.

No entanto, discutir este assunto e até mesmo pesquisá-lo é algo difícil de ser feito pois este objeto de estudo que seria crenças não é tão simples de ser identificado. Não podemos observar uma sala de aula e de lá já sairmos com uma lista de crenças que detectamos dos alunos e professores. Isso pois, as crenças são intrinsecamente ligadas à identidade, motivação, atitudes, expectativas e vários outros aspectos que não são visíveis e rapidamente identificáveis.

A importância destes estudos se baseia na influência das crenças de todas as pessoas que se envolvem no processo de ensino e aprendizagem, como: alunos, professores, diretores, supervisores, secretários, editores e autores de livros e etc.

Mesmo conseguindo identificar as crenças que permeiam o ambiente escolar, após esta etapa de identificação é preciso ainda mais estudos sobre como possibilitar a reflexão sobre as crenças, ou como fazer alunos e professores entender que certos pensamentos que eles possuem seriam algo já postos, já dados por uma sociedade. Pensamentos sem reflexão que são passados ao longo do tempo e que podem atrapalhar o processo de ensino e aprendizagem de todas as áreas, como a área de língua estrangeira.

No nosso caso, uma crença muito comum em relação ao ensino de língua inglesa seria a de que não se aprende inglês na escola pública. Sendo assim, este artigo objetiva discorrer sobre alguns conceitos de crenças e apresentar algumas crenças detectadas em alunos e uma professora a partir de uma breve pesquisa feita em uma escola pública.

2. A sala de aula como um sistema complexo

Enquanto professora de Língua Inglesa percebo o quanto a Teoria da Complexidade colabora para as minhas reflexões e influencia a minha prática docente. Isto pois, compreendo a sala de aula como um excelente exemplo de sistema adaptativo complexo e desta forma todas as características deste sistema caracterizariam também a minha sala de aula, assim como todas as outras.

A sala de aula é um espaço que, conforme Braga (2009), envolve elementos ou agentes que interagem entre si, em constante adaptação com o ambiente, à medida que buscam acomodação mútua para otimizar possíveis benefícios que assegurem a sua sobrevivência. E o professor deve ter consciência da existência desses vários elementos que influenciam em seu ambiente de trabalho, reconhecendo que há vários outros fatores que permeiam o ambiente escolar, além do dicotômico par escola/família.

Segundo Barcelos, a complexidade da sala de aula afeta os professores

podendo gerar conflitos que são derivados em parte entre o que os professores pensam que devem fazer em sala de aula, como eles percebem a sala e o que os últimos métodos ou programas de educação dizem que eles devem fazer (BARCELOS, 2006, p. 30).

Desta forma, é importante se desvincular das explicações reducionistas sobre os acontecimentos em sala de aula, entendendo-a como complexa. Dessa forma, ao

nos debruçarmos sobre as crenças, compreendemos este espaço de sala de aula como um espaço complexo.

Nos estudos sobre crenças, tão importante quanto mapear as crenças de professores, alunos e outros envolvidos na educação, torna-se fundamental também analisarmos os desdobramentos destas crenças na prática. Ou seja, torna-se importante além de se saber quais as crenças existentes, saber também quais as suas influências na prática docente e na escolha de estratégias de aprendizagem pelos alunos. Considerando a sala de aula como um sistema adaptativo complexo, a sala de aula seria um sistema aberto, ou seja, sofreria influências tanto internas quanto externas. E uma dessas influências seriam as próprias crenças do professor influenciando as crenças dos alunos e o contrário também seria verdadeiro, as crenças dos alunos influenciariam as crenças do professor.

Segundo Lima (2006, p. 160) “a professora influencia as crenças e a motivação dos alunos, a percepção que esta tem das expectativas dos alunos, bem como as interferências do contexto podem influenciar suas ações em sala de aula”. Acredito, então, que os professores e alunos são agentes importantes neste sistema chamado sala de aula e que ambos se modificam, modificam as suas crenças, seus comportamentos e suas expectativas devido à interação entre eles na sala, o contexto em que se inserem e as experiências pelas quais passam.

227

Ainda segundo Lima:

as relações entre as expectativas e as crenças da professora e de seus alunos podem ser convergentes ou divergentes. Quando há uma convergência, a tendência é que exista maior motivação para a aprendizagem. Quando há divergência, a tendência é que exista desmotivação do aluno e do professor no ambiente escolar (LIMA, 2006, p. 160).

Além dessas influências mútuas entre alunos e professores no ambiente escolar, temos também as crenças de todos os envolvidos na Educação influenciando no próprio rendimento do aluno enquanto discente e na prática do professor. Isso pois, algumas crenças, conforme já dito anteriormente, podem facilitar ou inibir algum processo pelo qual o indivíduo esteja passando, seja o professor no ato de ensinar ou o aluno no ato de aprender.

Para Richards e Lockhart (1994, 0. 52 apud. LIMA, 2006, p. 148) as crenças “podem influenciar a motivação do aluno para aprender, as suas percepções sobre o

que é fácil ou difícil sobre a língua, bem como suas preferências por determinado tipo de estratégia de aprendizagem”. As crenças então podem ditar a forma como os alunos irão encarar as aulas, o conteúdo, o material didático e até mesmo irão estabelecer a forma como esses alunos estudam, preparam-se para as avaliações ou qualquer outra ação relacionada ao ato de estudar, de aprender.

3. METODOLOGIA

Tal artigo foi escrito tendo como base o desenvolvimento de uma mini-pesquisa de caráter qualitativo.

Descrição do contexto da pesquisa

Tal mini-pesquisa aconteceu em uma escola municipal na cidade de Uberlândia, MG. Esta escola é mantida pela prefeitura da cidade e possui Ensino Fundamental I – II e Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno.

Os participantes da pesquisa

Foram escolhidos 10 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental para participarem da pesquisa. Tal escolha foi feita de forma aleatória e os 10 alunos foram escolhidos dentro de uma mesma sala. Apesar dos alunos terem sido escolhidos de forma aleatória, o ano em questão – 9º ano – não foi escolhido ao acaso, mas sim, por se tratar da pesquisa ter sido realizada no último semestre do ano, os alunos já estavam bem maduros e conscientes de seu papel enquanto estudantes, tendo então maior maturidade para expressarem as suas opiniões.

Além dos alunos participantes, eu, enquanto professora da turma em questão também fui participante da pesquisa, desenvolvendo as mesmas atividades que os alunos para uma futura análise de dados.

Instrumentos de coleta de dados

Para a coleta de dados foram utilizados o seguinte instrumento tanto para os alunos quanto para a professora: questionários fechados.

Questionários Fechados

Os questionários utilizados possuíam 40 assertivas em que deveriam ser marcados números de 1 a 5, de acordo com a seguinte tabela:

1. CONCORDO TOTALMENTE
2. CONCORDO
3. NEM CONCORDO, NEM DISCORDO.
4. DISCORDO
5. DISCORDO TOTALMENTE

Das 40 assertivas, 30 foram retiradas do questionário *Beliefs about Language Learning Inventory (BALLI)* que é um questionário criado pelo Elaine Horwitz em 1985, e 05 assertivas elaboradas por mim, enquanto professora, pesquisadora e participante da pesquisa.

Tal questionário encontra-se em anexo: ANEXO 01.

4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Começarei expondo o questionário que foi aplicado contendo 40 assertivas relacionadas ao ensino e aprendizagem de língua inglesa, sendo que destas 40 assertivas 35 foram retiradas do questionário BALLI e 05 elaboradas por mim, conforme dito anteriormente.

Em seguida selecionarei 04 assertivas que me despertou maior interesse para uma breve discussão. Por fim tecerei algumas considerações finais sobre o artigo em questão apresentando ao final todas as referências citadas neste.

5. ANÁLISE DAS 04 ASSERTIVAS ESCOLHIDAS.

De todas as assertivas respondidas, selecionei quatro que se mostraram como mais relevantes para mim enquanto professora-pesquisadora. Apresento-as abaixo:

Assertiva 19: “Aprender língua estrangeira é diferente de aprender outras matérias da escola”: Alunos e professora concordam.

A Língua Inglesa na escola pública municipal na cidade de Uberlândia, assim como em todo o estado de Minas Gerais já é peculiar frente as outras disciplinas, considerando que esta é uma matéria que não possui avaliações exigidas pela escola,

não possui nota, e no caso da escola em questão, os alunos não recebiam em seus boletins nem ao menos um conceito na disciplina Língua Inglesa. Isso, por si só já torna a matéria Língua Inglesa diferente das outras matérias da escola.

No entanto, acredito que os alunos concordam com essa assertiva por um motivo além deste citado acima. Acredito que os alunos consideram a disciplina de inglês uma matéria mais ampla, mais fácil de ser trabalhada justamente por não possuir um cronograma a ser cumprido, com certo número de avaliações, de trabalhos a serem entregues, dentre outros.

Assertiva 31: “Eu me comprometeria mais com a matéria Língua Inglesa se ela tivesse nota e reprovação assim como as outras matérias”. Alunos e professora discordam.

Eu enquanto professora de inglês acho positivo o fato de não ser atribuído nota a minha disciplina, pois isso me garante uma liberdade que me permite elaborar as minhas aulas com autonomia e avaliar os meus alunos da forma que considerar melhor e mais adequada para cada série e cada etapa do ano letivo. E de acordo com o questionário respondido pelos alunos, eles também não veem na falta de nota da disciplina uma razão para desmotivação.

230

Portanto, eu já tinha a opinião de que a atribuição de notas e reprovação não garantia a (des)motivação dos alunos, sendo tal crença confirmada pelo menos entre os alunos participantes da pesquisa.

Assertiva 36: “Não se dá para aprender inglês na escola pública”. Alunos e professora discordam.

As respostas para tal assertiva me deixou satisfeita, considerando que eu, enquanto professora de escola pública, acredito que é possível se aprender a Língua Inglesa neste contexto. E acredito que as minhas falas em sala de aula de forma a considerar os alunos como qualquer aluno de outros contextos, tidos mais privilegiados: escola particular ou escola de idiomas, podem ter repercutido nas respostas desta assertiva.

Assertiva 40: “Se eu tiver oportunidade eu gostaria de estudar em alguma escola de idiomas”. Alunos e professora concordam.

Mesmo não desacreditando no inglês da escola pública, os alunos desta pesquisa demonstraram interesse em estudar em escolas de idiomas. Acredito que os alunos que participaram desta pesquisa, assim como a maioria dos outros alunos, se tivessem a oportunidade de estudar em um curso de inglês, provavelmente aproveitariam esta oportunidade, tendo capacidade o suficiente para obter sucesso no decorrer do curso.

E tal assertiva também mostra que mesmo que algumas crenças possam ter sido ressignificadas devido ao contato, a interação com a professora, com os outros colegas e as experiências que tiveram, ainda pode se ter algum resquício da crença de que a escola de idiomas é o lugar mais adequado para se aprender língua estrangeira.

Considerando as 04 assertivas escolhidas, entendo que nenhuma delas poderia ser considerada como inibidora do processo de aprendizagem de Língua Inglesa, já que estas assertivas não desfavorece o aluno da escola pública participante desta pesquisa, pois conforme já foi dito “a sala de aula pode expor o aprendiz tanto ao desejo pela língua estrangeira quanto à resistência em participar de práticas nessa língua.” (MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2010, p. 102)

Por fim, entendo que as crenças devem ser realmente estudadas e não tomadas como imutáveis e fixas entre as pessoas, pois essas crenças podem ser ressignificadas por professores e alunos, conforme pudemos observar nesta mini pesquisa com as assertivas 31 e 36, por exemplo, em que os resultados já começam a se mostrar diferente do esperado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurei refletir sobre alguns conceitos que permeiam a sala de aula como: complexidade e crenças, apresentando também mesmo que de forma

breve uma pequena pesquisa realizada no contexto da escola pública apenas para elucidarmos um pouco melhor a teoria aqui exposta.

A importância de trabalhos que envolva a investigação sobre crenças é indiscutível, pois conforme nos aponta a Teoria da Complexidade a sala de aula é um sistema aberto, sofrendo então alterações de diversos elementos, sejam eles internos ou externos a sala de aula. E as crenças se mostram como um desses elementos que alteram, modificam e influenciam a sala de aula e os processos que acontecem neste espaço.

Ao se estudar sobre crenças podemos entender cada vez mais como se dá as relações humanas, em específico, a relação professor-aluno tornando, então, o processo de ensino e aprendizagem mais humano e crítico, pois levaríamos em conta as diferenças que cada ser humano carrega consigo, e o processo de ensinar e aprender nada mais é que uma rica interação humana.

Seria oportuno citar Barcelos (2007, p. 110) que defende que “educar é provocar mudanças ou criar condições para que elas aconteçam, sempre partindo de um lugar que, no caso, são nossas crenças a respeito do mundo que nos cerca”. E eu, enquanto professora de uma escola pública e autora deste artigo acredito que se nós, professores, conseguirmos mostrar para os nossos alunos que eles podem repensar o velho, reconsiderar o verdadeiro e pensar o inédito, lhes proporcionando liberdade para questionar e formular as suas próprias concepções, podemos assim ter uma educação que considera as diferenças, respeita o ser humano e colabora para a formação dos nossos alunos como pessoas conscientes, críticas e por que não dizer até mesmo felizes com o seu papel dentro da sala de aula, dentro da escola, dentro de suas famílias e por fim, dentro de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, A.M.F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA ABRAHÃO, M. H. (Orgs.) **Crenças e ensino de línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas, Pontes Editores, 2006, p.15-42.

BRAGA, J. C. F. A presença cognitiva em comunidades de aprendizagem on line. In: PAIVA, V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. (Org.) **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ FAPEMIG, 2009. p. 131 - 148.

LIMA, S.S. Crenças e expectativas de um professor e alunos de uma sala de quinta série e suas influências no processo de ensino e aprendizagem de inglês em escola pública. In: BARCELOS, A.M.F.; VIEIRA ABRAHÃO, M. H. (Orgs). **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, Pontes Editores, 2006, P. 147-162.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M.R.; NORTON, B. Querer é poder? Motivação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: MASTRELLA-DE-ANDRADE, M.R. (org) **Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas: múltiplos olhares**. Campinas: Pontes, 2010, p. 135-165.

ANEXO 01

01. Algumas línguas são mais fáceis de aprender que outras.	
02. A Língua Inglesa é: A. muito difícil / B. difícil / C. mediana / D. fácil / E. muito fácil	
03. Eu acho que eu vou finalmente aprender inglês.	
04. Se alguém gasta uma hora por dia estudando uma língua, quanto tempo ela gastaria para se tornar fluente? A. Menos que 1 ano B. C. 1 – 2 anos D. 3 – 5 anos E. 5 - 10 anos	
05. É mais fácil falar que entender a língua inglesa.	
06. É mais fácil escrever e ler em inglês que falar e entender.	

233

07. É mais fácil para uma criança aprender inglês do que um adulto.	
08. Algumas pessoas nascem com habilidades especiais que as ajudam a aprender uma língua estrangeira.	

09. É mais fácil para alguém que já fala alguma língua estrangeira aprender uma outra.	
10. Eu tenho aptidão para aprender uma língua.	
11. Mulheres são melhores que homens em relação à língua estrangeira.	
12. Pessoas que são boas em matemática não são boas em aprender línguas estrangeiras.	
13. Pessoas que falam bem mais de uma língua são muito inteligentes.	
14. Todo mundo pode falar uma língua estrangeira.	

15. É necessário conhecer a cultura estrangeira para falar a língua estrangeira.	
16. É melhor aprender uma língua estrangeira no país onde ela é falada.	
17. Aprender uma língua estrangeira é mais uma questão de aprender uma grande quantidade de vocabulário.	
18. Aprender uma língua estrangeira é mais uma questão de aprender muitas regras gramaticais.	
19. Aprender uma língua estrangeira é diferente de aprender outras matérias da escola.	
20. Aprender uma língua estrangeira é uma questão de tradução.	

21. É importante repetir e praticar muito.	
22. É importante praticar no laboratório de língua.	
23. É importante falar uma língua estrangeira com um ótimo sotaque.	
24. Você não deve dizer nada na língua estrangeira até que saiba dizer corretamente.	
25. Se eu escuto alguém falando na língua que eu estou tentando aprender, eu vou até lá e tento praticar.	
26. Não tem problema em tentar adivinhar alguma palavra que eu não souber na língua inglesa.	

--	--

27. Se eu conseguir falar a língua inglesa bem, eu terei muitas oportunidades de usá-la.	
28. Se eu aprender a falar a língua inglesa bem, isso me ajudará a conseguir um bom emprego futuramente.	
29. Eu gostaria de aprender inglês, pois eu tenho vontade de conhecer melhor os seus falantes.	
30. Eu gostaria de ter amigos de outros países.	

31. Eu me comprometeria mais com a matéria Língua Inglesa se ela tivesse nota e reprovação assim como as outras matérias.	
32. O professor é fundamental para me motivar ou não a aprender uma língua estrangeira.	
33. Se as nossas salas tivessem mais recursos tecnológicos seria mais fácil aprender inglês.	
34. Os jogos de vídeo game e a internet me estimulam a querer aprender a língua inglesa.	
35. Eu gostaria que a matéria língua estrangeira na minha escola fosse de alguma outra língua que não a Língua Inglesa.	
36. Não se dá para aprender Língua Inglesa na escola pública.	
37. É possível se ter uma aula de Língua Inglesa na minha escola totalmente na língua inglesa, ou seja, sem se falar Português.	
38. Nas aulas de inglês quando eu me saio bem em uma prova ou percebo que entendi o conteúdo, eu fico motivado a estudar mais o inglês.	
39. O livro didático de inglês da minha escola é interessante.	
40. Se eu tiver oportunidade eu gostaria de estudar em alguma escola de idiomas.	